

## **QUEM CONTA UM CONTO SEMPRE AUMENTA MAIS UM PONTO: O USO DE TIRINHAS E QUADRINHOS NAS SERIES INICIAIS**

**Autor: Severino Félix Coutinho Junior**

**Co-autor: Noaldo Cardozo Dias**

**Resumo:** O presente trabalho visa analisar a importância dos contos de fadas como um incentivo à leitura, a escrita e a imaginação criadora dos alunos nas séries iniciais e as Histórias em Quadrinhos inseridas na sala de aula como recurso didático-pedagógico. Reflete também sobre o seu uso em atividades pensadas e organizadas pelos professores. Analisando a importância e os benefícios que este meio de comunicação (as histórias em quadrinhos) através das releituras de contos de fadas utilizadas, podem contribuir prazerosamente no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos quando inseridos como instrumento pedagógico no ensino infantil. Este estudo pretende ainda compreender a relação que esta forma de arte tem no processo educativo e de ensino e aprendizagem no que diz respeito ao incentivo a criação do hábito de leitura e imaginação criadora das crianças, utilizando as histórias em quadrinhos como facilitadores em sala de aula em um ambiente de aprendizagem que se utiliza de variadas formas de materiais didáticos. Junto a isto se somam novos personagens, novas abordagens e novas fontes e nesta perspectiva, a utilização das histórias em quadrinho como um recurso didático. Este trabalho busca fazer reflexões, e propor algumas sugestões e questões quanto ao uso de histórias em quadrinho e sua utilização na sala de aula nos mais variados momentos de ensino.

**Palavras-chave:** histórias em quadrinhos, contos de fadas, recurso didático-pedagógico.

### **OS CONTOS DE FADAS E SUA INFLUENCIA EM NOSSA VIDA DESDE A INFANCIA**

Quem nunca ouviu, sentado em grupo ou em círculo, com os olhos vidrados, à espera das primeiras sílabas pronunciadas, frases do tipo: “Era uma vez...”, “Quando eu era menino tive um sonho...”, agora eu era... “Seu nome era...” e ao final de cada história contada ou lida: “E assim viveram felizes para sempre...” ou apenas: “Não sei, só sei que foi assim...”. Quem nunca correu com medo ao ouvir as palavras: bruxa, vampiro, lobisomem, Cuca; ou incentivado pela história levantou-se e tomou posto ao lado de fadas, duendes, elfos, guerreiros e cavaleiros para lutar contra o mal. Esse enorme contingente de personagens imaginário presente em nossas vidas desde nossa infância, proporcionado pelos contos de fadas, que ouvimos dos mais velhos apesar de tentarmos escondê-lo, nunca saiu da nossa mente, continuando presente, ainda mesmo que involuntariamente, habitado por uma grande gama de seres imaginários. Será que muitos de nós nunca nos questionamos ao ouvir inúmeros contos de fadas e histórias. Nunca imaginamos se em “Quem tem medo do lobo mau?” se o lenhador não tivesse chegado no final da história para salvar Chapeuzinho Vermelho e sua vovozinha? Esses seres e outros fatos se confundem e fazem parte desse grande imaginário, costumes e crenças que herdamos por nossos antepassados de geração em geração. Sejam elas apresentadas por pais mães, avós ou até mesmo professores no ato e na forma do contar

essas histórias e contos de fadas, sejam elas lidas ou pronunciadas na beira da cama, em roda, ou sentados em círculos.

Muitos desses personagens, contos e histórias remontam de períodos históricos de antes mesmo do medievo, e foi daquela época e talvez grande parte desse conjunto de costumes, tenha sido herdado da Idade Média, e segundo Jose Rivair Macedo: “Herdamos da Idade Média nosso gosto por ouvir boas histórias, boas narrativas, boas canções. Aquele foi o tempo da oralidade, da palavra transmitida de boca em boca, dos costumes transmitidos e preservados de geração em geração”.

Bruxas e magos, as crendices e o insólito sempre fizeram parte da história do Homem. Na idade da pedra as representações de bichos, pintadas nas cavernas eram imagens mágicas feitas por feiticeiros com a finalidade de atrair os verdadeiros animais tão necessários à sobrevivência das tribos. Bem mais tarde, quando a civilização vivia uma era de obscurantismo, os corações as mentes dos homens estavam sempre povoados por demônios, artes de magia e estranhos rituais (...). Não podemos negar que, muitas vezes, o insólito mora ao lado, arquitetando os mais extraordinários acontecimentos dos quais ou somos testemunhas ou damos fé a quem nos passou a informação (...). Por que razão tememos as assombrações, a cuca e a mula-sem-cabeça eternamente cavalgando pelas nossas estradas na incrível proeza de botar fogo pelo nariz? (...) É muito simples: nós acreditamos! Acreditamos com a mesma força com que acreditavam aqueles homens primitivos. Nossa imaginação não dispensa o fantástico? (NEIVA, 1987, p.3)

E assim de boca em boca, de conto em conto, de ponto em ponto ou no ato de contar e ouvir é que se desenvolve desde cedo nas crianças o hábito e o gosto pela leitura de bons contos e história. Esse conjunto de seres imaginários passam a ter forma e fazerem parte de nossa vida a cada momento que ouvimos um era uma vez, ou um agora eu era e nos transportamos para dentro dos contos e das histórias se identificando a cada novo personagem que nos é apresentado.

### **Era uma vez...ou agora eu era?**

Agora eu era o herói, E o meu cavalo só falava inglês, A noiva do cowboy, Era você além das outras três, Eu enfrentava os batalhões, Os alemães e seus canhões, Guardava o meu bodoque, E ensaiava o rock para as matinês

Para Regina Machado o tempo do “agora eu era” é possibilitado apenas pela literatura e brilhante mente utilizado por Chico Buarque de Holanda na canção João e Maria, seu “*agora eu era*” é impossível dentro dos canones da gramática, sendo assim, o tempo impossível e fora de encaixe do cotidiano, do tempo e da história, do datado, do cronológico e do espaço. Mas que por sua vez, faz sentido no campo do imaginário tão presente nas tramas dos contos de fadas quando enveredamos por mais um conto, uma história, um livro, criando assim sentido em um espaço dominado pela imagem, pela representação e pelo imaginário. Este através de percepções, imagens

internas no curso da leitura, vai dando sentido a essas experiências no ato de ler. Mesmo que esse ato seja apenas a decodificação de símbolos ou até mesmo imagem, sem necessariamente existir o arranjo de letras ou de palavras.

(...) narrar é contar uma história, e contar uma história é desenvolver a experiência humana do tempo. A narrativa ficcional pode fazê-lo alterando o tempo cronológico por intermédio das variações imaginativas que a estrutura auto-reflexiva de seu discurso lhe possibilita, dada a diferença entre o plano do enunciado e o plano da enunciação. (NUNES, 1998, p.9-35.)

Dessa forma a circunstância de tempo e espaço estabelecida entre o “agora” e o “era” no enunciado dos contos de e nos versos da música não é mais de um tempo real, cronológico, com começo, meio e fim, mas de um tempo em que os limites inicial e final são imprecisos não são determinados. Ou seja, são elaborados tratados e vividos na verdade como uma marcação temporal com valor de presente, que além de situar o evento do qual fala com relação ao momento em que fala, está estreitamente ligado a momentos distintos, cria, elabora pensa e domina um evento num tempo e num espaço ficcional. Para Regina (2004, p. 22):

Quando experimento estar dentro da história, experimento a integridade individual de alguém que não está nem no passado nem no futuro, mas no instante do agora onde encontro em mim não o que fui ou o que serei, mas a minha incerteza no lugar onde a norma e a regra – enquanto coerção da exterioridade do mundo – não chega.

Mas, em nosso caso devemos estar atentos e mesmo interiorizados da narrativa, despertar e atentar para realidade expressa e os fatos que nos interessam dentro desse mundo encantado e utilizá-lo para o nosso estudo, quando voltarmos a nossa realidade e as nossas discussões sobre o fato e experiências humanas e históricas presente nos contos de fadas. Trabalhar e manusear contos de fadas, suas leituras e releituras dos mesmos nos possibilita uma infinidade de experiências configuradas e apreendidas no ato da leitura e do conto que desempenha em cada indivíduo a construção de conhecimentos e de experiências comuns de um texto através de infinitas possibilidades e pontos de vista de um mesmo ou determinada história.

Quando ouvimos um conto-adulto ou criança, temos uma experiência singular, única, que particulariza para cada um de nós, no instante da narração, uma construção imaginativa que se organiza fora do tempo da história cotidiana, no tempo do “era”. Tal experiência diz respeito à universalidade do ser humano e, ao mesmo tempo, à existência pessoal como parte dessa universalidade. Pois, se não fosse assim, como seria possível que compreendêssemos uma história de cinco mil anos como a epopéia de Gilgamesh ou a versão da Cinderela dos índios algoquinos da América do Norte? Por que essas histórias falam para nós, fazem sentido, independentemente de conhecermos qualquer coisa que seja sobre a Suméria de quatro mil anos atrás ou na cultura indígena americana? À medida que ouvimos a história, somos transportados para “lá”, esse local desconhecido que se torna imediatamente familiar. A história só existe quando é contada ou lida e se atualiza para cada ouvinte ou cada leitor. “Era uma vez” quer dizer

que a singularidade do momento da narração unifica o passado mítico – fora do tempo – como o presente único – no tempo – daquela pessoa que a escuta e a personifica. (MACHADO, 2004, p. 23).

O trabalho com a leitura dos contos de fadas e de suas releituras proporcionados por filmes, charges, cartuns, cinema, teatro e pelas histórias em quadrinhos possibilita um manejo com várias probabilidades e meios de aprendizagem que não são comuns, pelo caminho da pedagogia. É um conjunto de manifestações possibilitadas por meio de cada aventura desempenhada pelos personagens a cada momento vivido na trama, que através das emoções e sentido refletem automaticamente no ato a quem ler, tal como o aperto ou ao aumento da batida cardíaca presente quando se “está” presente numa cena de sentimentos, ação, medo, guerra ou luta. São sentimentos, causas e efeitos como esses e outros sentidos, que por serem lidos possibilitam o entendimento do momento do conto, do fato, da história pelo qual está sendo vivido e interiorizam o mesmo. Assim, servem de fio condutor para um melhor aprendizado do conteúdo ao qual está sendo submetido pelo ato da leitura, presente nos textos que são manuseados pelos alunos.

### **Os contos de fadas e suas releituras nos quadrinhos: Quem conta um conto sempre aumenta mais um ponto.**

As histórias em quadrinhos foram durante muito tempo, consideradas uma ameaça, algo que deveria ser afastado do desenvolvimento intelectual das crianças e dos jovens pois durante muito tempo pais e professores acreditavam que as histórias em quadrinhos eram nocivas e acusadas de desestimular a leitura já que vista por esse ângulo as crianças ficariam preguiçosas ao lerem gibis e não estimularia a sua criatividade uma vez que já trazia o desenho das cenas, deixando pouco ou quase nada para a imaginação do leitor.

Esse ponto de vista com o passar do tempo já foram suficiente mente demonstrado como equivocados e alguns dos nossos maiores escritores da atualidade assumem que foram e ainda são leitores ávidos dos quadrinhos, Jô Soares é um deles (RAHDE, 2006). Quanto a história em quadrinho não estimular a imaginação diversos pesquisadores têm percebido e defendido justamente o oposto, pois segundo o mesmo embora os desenhos mostrem os cenários e seus personagens representados os movimentos, as ações ocorrem plenas e completamente na cabeça dos leitores nos espaços entre um quadrinho e o outro é que a imaginação é trabalhada na mente do leitor. De forma geral, as histórias em quadrinhos são reconhecidas e estruturadas como uma história contada em quadros por meio de imagens, com ou sem texto. Mendonça (2002) alerta que elas podem ser facilmente identificadas em razão de suas particularidades específicas entre elas

temos e podemos citar: Os quadros e os balões, Elementos iconográficos, onomatopeias e metáforas visuais.

De acordo com um artigo de Serpa e Alencar sobre histórias em quadrinhos e sua utilização em sala de aula, publicado em 1988 na revista *Nova Escola*, ficou confirmado, após uma pesquisa sobre hábitos de leitura dos alunos, que 100% deles, ou seja, todos os alunos em geral gostavam mais de ler quadrinhos e tirinhas do que qualquer outro tipo de publicação”. Neste contexto, o autor afirma que tal pesquisa endossa o que os professores conhecem na prática em sala de aula que as histórias em quadrinhos e tirinhas seduzem os leitores, proporcionando uma leitura prazerosa e espontânea. Podemos também igualmente se constatar e ressaltar a abordagem interdisciplinar dos conteúdos tomados como temas nos quadrinhos se considerarmos o grupo de fatores necessários para a realização de uma história em quadrinhos, sem falar que em muitos momentos os quadrinhos lidam com o humor, a fantasia, a criação e a ficção, elementos que nos remetem ao espaço lúdico e interativo do processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula. No Brasil as principais histórias em quadrinhos estão representadas por dois grandes ícones desse gênero Mauricio de Souza e Ziraldo, tendo como principais personagens a turma da Mônica e a turma do Pererê. Outros quadrinhos de grande relevância, apesar de também ter como eixo central as crianças, como *Mafalda* e *Charlie Brown*.

Os quadrinhos de Mauricio de Souza, ao contrário desses já citados, não têm cunho político nem de crítica social. Embora extremamente engajado em programas sociais e em produção de histórias educativas que tratam de respeito, diferenças e ecologia, entre outros temas Mauricio escreve para entreter. Suas personagens vivem aventuras ora verossímeis, ora impossíveis, que divertem e ajudam na formação da criança, jovens e adolescente como na sua mais nova criação a turma da Monica jovem, sem pretensões de criticar ou fazer apologia de problemáticas políticas. A relação das personagens com o mundo atual dá-se por meio da sátira feita a filmes, Internet, novelas e livros, recurso textual que parece ser o grande segredo para o sucesso dos seus quadrinhos da *Turma da Mônica* não apenas entre as crianças e os jovens como também entre os adultos.

A História em Quadrinhos por sua vez, ao falar diretamente ao imaginário da criança, preenche as lacunas e suas expectativas e a prepara para a leitura de outras obras, as leva ao contato de conteúdos e conhecimentos de forma abrangente e acessível ao seu universo. A experiência de folhear as páginas de uma revista de quadrinhos, gibis ou manusear tirinhas e historias pode gerar e perpetuar o gosto por determinados conteúdo ou assuntos. Percebesse, que as histórias em quadrinhos valorizam as diferentes culturas e não apenas a cultura de massa como ficou

reconhecido, as mesmas servem de reflexão e material para a prática pedagógica que pode contextualizar esta forma de comunicação e favorecer a aprendizagem. Crianças e jovens tem, e reconhecem nas histórias em quadrinhos, um grande aliado para desenvolver o hábito de leitura e a compreensão de conteúdos escolares que pode ser muito bem utilizado por nós educadores. Os quadrinhos podem ser inventados, pensados, elaborados e organizados baseado se em acontecimentos presente do cotidiano ou até mesmo tendo como elementos base histórias ou fatos já pré existente fazendo desses uma releitura ou sátiras das mesma e se caracterizam-se segundo Araújo e Mercado (2007, p.82) pela estrutura, pelo discurso, vocabulário, imagem e expressão com visuais voltados e presente na figuração pictórica das emoções apresentadas nos personagens, nos balões e nas letras e até mesmo nos quadros elaborando dessa forma uma nova linguagem com novos significados, novos valores que possuem intensa relação não apenas com a cultura de cada época como também transgredem ao seu tempo gerando sensações de profunda significação cultural, social e emotivas. A linguagem dos quadrinhos diferencia-se dos demais gêneros devido ao seu grande apelo de caráter verbal e icônico, e também pela sua sequenciação pautada numa elipse de caráter narrativo.

Contudo, não apenas a linguagem característica dos quadrinhos, a grande expressividade de seus elementos, a riqueza de sua semântica entre outros fatores já citados neste trabalho quando bem vistos e utilizados, podem ser aliados do ensino. A elegância e a união quase que um casamento de texto e desenho presente nas histórias em quadrinhos consegue tornar mais, fácil, mais claros, para a criança e jovens, conceitos que continuariam abstratos se confinados unicamente à palavra e a escrita. Para Azis Abrahão, texto e ilustração:

se ajustam e se testam, na identificação de seus significados e de suas relações, naquela necessária integração de matéria e forma, que tão bem atende aos princípios atuais da Pedagogia, baseados no caráter sincrético e globalizador do pensamento da criança. (ABRAHÃO, 1977, p. 151).

Da mesma forma, a sequencialidade tão presente nas histórias em quadrinhos juntamente com a maneira como são articuladas a narrativa, divididas quadro a quadro ou como uma vinheta que sucedem uma as outra, em ordem lógica, mas fragmentada mesmo que temporalmente vai exigir nesse caso uma maior participação e perspicácia por parte do leitor para preencher os momentos não ilustrados os vazios presentes nos mínimos espaços entre um quadro e outro. Ainda segundo Abrahão:

o caráter de verdadeiro relato visual ou imagístico, que sugestivamente se integra com as rápidas conotações do texto escrito, numa perfeita identificação e entrosamento das duas formas de linguagem: a palavra e o



desenho. Exatamente como convém ao caráter sincrético e intuitivo do pensamento infantil. (ABRAHÃO, 1977, p. 151).

Dessa forma, as histórias em quadrinhos tornam mais interessante os conteúdos a serem estudados em salas e escolas e além do mais exigem ainda dos alunos uma percepção maior dos meios empregados e desenvolvido em sala com os manuseios dos quadrinhos. A leitura nesse contexto é apenas uma das possibilidades possíveis no emprego das histórias em quadrinhos no ensino. Para Pierre Michel, professor na França do Liceu de Corbeil destaca que a aplicação dos quadrinhos na educação e no ensino não trata-se apenas de um material artístico mais sim de “um material que pode suscitar a reflexão, a pesquisa e a criação” e não meramente resumisse apenas ao ato e o exercício da leitura. Diversos temas da atualidade ou até mesmo de natureza histórica, ética, científica, moral entre outros podem ser muito bem discutidos em sala a partir da leitura de determinadas histórias em quadrinhos ou até mesmo tirinhas, os alunos podem desenvolver e utilizar os quadrinhos como ponto inicial e de partida para debate e discussões tendo em mãos esse material os mesmos podem refletir também sobre diversas ideias incentivando assim e criando nas crianças desde cedo o hábito da leitura como também estimulado a sua imaginação criadora através da junção de letras, palavras e significados de símbolos e imagens.

### **Lendo e relendo contos de fadas: Como utiliza-los em sala de aulas a partir das releituras em quadrinhos.**

As histórias em quadrinhos que abordam inúmeras temáticas como já citado anteriormente nesse trabalho e retrata a mesma de forma bem-humorada, fazendo críticas, sátiras não deixaria passar de forma alguma despercebida o universo dos contos de fadas e suas histórias e personagens. Para isso o viés do humor e o caráter nesta tarefa como pode ser percebida nas tirinhas que serão demonstradas aqui, sejam por trecho da história ou dos contos de fada, seja pelos personagens, temáticas, fragmentos citações entre outros motivos tudo está impresso e percebido nos quadrinhos e tirinha. Para tal feito utilizaremos como exemplos os quadrinhos e tirinhas de Mauricio de Sousa tendo como aliados a famosa turma da Monica.

**I-Pinóquio** - O famoso conto de fada Pinóquio que relata a história de um boneco de madeira que cria vida após ter os desejos de seu criador Gepeto atendido pela fada madrinha e relido espetacularmente em alguma tirinha da turma da Monica se aproveitando principalmente do humor e de sua principal peculiaridade da história. No caso Pinóquio como um bom menino travesso e traquina que o é quando conta alguma mentira em represaria a mesma o seu nariz aumenta de

tamanho cresce a cada mentira revelada pelo boneco de madeira que agora vive livre num corpo humano e não mais de madeira. Aqui um dos seus famosos personagens o Cascão que se aproveitam dessa peculiaridade do personagem dos contos de fada para tomar proveito da situação. No caso do Cascão que morre de medo de água e do banho utiliza o Pinóquio para o ajudar a atravessar um rio fazendo do nariz do boneco uma ponte.



### Ponto a ponto: possibilidades de uso e atividades com contos de fadas e historias em quadrinhos nas salas de aula do ensino infantil



**1º Momento: Estratégias e recursos da aula** - Escolha e prepare um lugar aconchegante na escola, para o momento da história. Esse lugar pode ser embaixo de uma árvore, na biblioteca ou sala de aula, onde as crianças possam diariamente, ouvir, ler, visualizar, escolher e foliar livros de histórias. Durante a narrativa oral da história, é interessante utilizar alguns elementos que lembram e estão presentes nas histórias - varinha de condão, chapéu de fada e de bruxa, instrumentos sonoros para produzir o suspense, fantoches, animais feitos com legumes, um avental contendo bolsinhos de onde surgem os personagens da história, caixa em forma de tesouro de onde sai, por exemplo: o chapéu e a cestinha de chapeuzinho vermelho, entre outros recursos.

**2º Momento: Desenvolvimento** - O professor deve proporcionando o contato com diferentes livros e historias juntamente com gibis ou tirinhas soltas juntas aos livros. O professor deverá iniciar a aula incentivando a prática de leitura pelas crianças mesmo sem que elas consigam ler convencionalmente, neste momento, encorajando-as a fazer leituras de imagens e trocas de idéias entres os colegas. Ainda nesse momento o professor deverá possibilitar as crianças o conhecimento



de algumas histórias que constituem o repertório dos contos de fadas a partir de leituras de diversos livros e variadas fontes como caixas de história, CDs, fantoches, quadrinhos etc. Para a realização dessa atividade é importante que o professor selecione anteriormente os livros que serão utilizados nesse momento. Durante esse momento, o professor, poderá incentivar a discussão do grupo antes de iniciar a leitura ou a narrativa oral de um conto de fada o professor devera a questionar aos seus alunos:

Quem gosta de ouvir e contar histórias? Por quê? O que vocês sentem e pensam quando ouvem e contam histórias? Quais são as histórias que vocês já ouviram? Como as pessoas e os autores, escritores costumam iniciar e terminar a narração das histórias? Quem se lembra da história de Pinóquio, O patinho feio, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, da Bela Adormecida? Quais as diferenças e semelhanças entre essas histórias? Já ouviram falar do autor das aventuras que se passam no Sítio do Picapau Amarelo? Registre as ideias dos alunos.

**3º Momento: Conhecendo contos de fadas e histórias** - Quais as características comuns observadas nas histórias? Todas as histórias apresentam as estruturas básicas dos contos de fada?

É importante que o professor retome com as crianças quais são as estruturas básicas dos contos de fada como: o tempo indefinido (normalmente marcado pela expressão Era uma vez... presença de elementos mágicos, personagens protagonistas e antagonistas, cenários geralmente fantásticos, etc. O professor deverá, então, apresentar aos alunos algumas características comuns a esses contos como: **Estrutura básica dos contos de fadas; Início; Ruptura; Confronto e superação de obstáculos e perigos; Restauração; Desfecho**

**4º Momento: Assistindo filmes e vendo tirinhas relacionadas aos contos de fada** - Apresentações da história infantil através do DVD de desenho animada. Exposição e socialização do livro de conto de fadas escolhido para mostrar as crianças outra forma de se conhecer as histórias como também a tirinha e o quadrinho previamente escolhido com o intuito de despertar nelas o interesse pelos livros. Assistir vídeos que contem histórias do universo dos contos de fadas procurando identificar os elementos presentes nesses tipos de textos. Sugerimos o filme Enrolado que conta a história da Rapunzel e essa tirinha de Mauricio de Sousa da personagem Magali que re ler esse mesmo conto.

**Trabalhando a tirinha:** O professor deve indagar os alunos sobre onde reside o humor da tirinha? Explique da melhor forma possível; Analise cada reação de humor de cada personagem, em cada

quadrinho: Magali, o sapo, o príncipe e novamente a Magali; Trabalhar as metáforas mesmo que oralmente onde cada aluno pode dizer ou tentar contar a tirinha vendo as imagens dentro de cada balão; Sugira que cada aluno individualmente ou em grupo crie uma resposta bem interessante e divertida para o príncipe dar à Magali, a fim de deixá-la: Mais decepcionada ainda; Satisfeita com a situação; Revoltadíssima; Questione os alunos se no lugar da Magali, outra personagem da Turma da Mônica estivesse na torre ou no papel do príncipe como poderia ser uma nova tirinha ou história. Como por exemplo: Cebolinha Mônica Chico Bento Cascão; se você estivesse na torre no lugar da Magali com um príncipe encantado o que você gostaria que ele trouxesse?

Após as crianças conhecerem as estruturas básicas de um conto de fadas, e das histórias em quadrinhos o professor irá propor que elas criem ou recriem um conto de fadas ou historinha que posteriormente será utilizado para a construção de um livro com as ilustrações também das crianças. Logo após as crianças analisarem e debaterem a história apresentada para desenvolver a seguinte atividade de recontar a história da maneira que desejarem, escrita, oral, teatral, em forma de desenho ou colagens sugerimos a seguinte atividade:

**Atividade 01 – História sequenciada** - Desenhar ou colar gravuras em folhas de papel ofício branco; Cortar em tiras retangulares o papel madeira e colar os desenhos ou gravuras de forma sequenciada; Dobrar a tira de papel madeira (com os desenhos colados) em forma de sanfona; Contar às crianças a história ao mesmo tempo em que vai abrindo a sanfona para aparecer as gravuras; Fazer com as crianças exercícios relacionados com a história contada, por exemplo: desenhos de novas histórias produzidos pelas crianças, perguntas a respeito da compreensão da história; Material: Papel ofício, papel madeira, lápis de cor ou cera, cola, tesoura, régua e figuras.

**Atividade 02- Momento de Criar** - O professor deverá incentivar as crianças a produzirem uma história, a partir do conto de fada e da tirinha trabalhado em sala ou até mesmo um tema sugerido pelo professor ou escolhido pelas crianças. Combine com elas, que a história deverá ter um cenário (lugar e tempo onde acontece a história), personagens que irão viver uma situação complicada e uma solução para essa complicação; durante a produção, vá incentivando o grupo com perguntas: como era esse lugar? Como eram os personagens? O que poderia ter acontecido? O que será que vai acontecer? O que os personagens podem fazer para enfrentar determinada situação? Incentive a produção, possibilitando que todas contribuam dando sugestões para o desenvolvimento da história e os ajude a escolher as melhores situações e formas de registrá-las; após a história ter sido escrita, elogie e faça uma leitura para verificar o que precisa ser melhorado no texto. Após esse

momento, reescreva a história em cooperação com as crianças. Proponha que as histórias produzidas sejam expostas em um varal da sala para serem relidas por elas; Troca de vivência. Após a conclusão da atividade, as crianças que assim desejarem contaram o que aprenderam ou o que sentem em relação a história apresentada, como foi recontá-la e o que acharam da atividade feita por seus companheiros de sala; Se possível, grave esses momentos, as crianças narrando e ouvindo as histórias criadas por elas. Intercale os dias de narrativa com a escuta das histórias, para que elas apreciem, se sintam lisonjeadas em exercer o papel de contadores de histórias, avaliem e aprimorem essa prática.

**5º Momento- Resultados e Avaliação** - Nesse momento o professor além de mediador das diversas atividades aqui sugeridas do uso tanto dos contos de fadas como dos quadrinhos nas serie iniciais, também atuará como mediador na construção da história, também assumirá o papel de escriba, sempre salientando a importância da leitura e da escrita como prática social. Como o custo para a impressão da história seria alto, o professor poderá utilizar o programa de power point para que a história seja contada também para outras salas de aula.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As histórias em quadrinhos é uma forma eficaz de auxiliar no desenvolvimento individual e coletivo dos processos de aprendizagem quando é proporcionada ludicamente e explorada de maneira objetiva e direcionada, ao contrário de muitas práticas, que vem ocorrendo de forma fragmentada: “contando a história ou contos de fadas só por contar”, ou seja, não abrindo espaço para o mundo imaginário do leitor, as historias em quadrinhos assumem não apenas função lúdica, despertando no leitor a emoção das descobertas, mas, o seu senso crítico relacionado ao seu momento de ler, contar, recontar, imaginar e interpretar. Nesse sentido, o hábito de leitura com mais esse gênero literário incorporado oportunizando aos alunos construir seu repertório, tendo contato com os mais variados tipos de linguagem.

O uso de histórias em quadrinhos contribui diretamente no processo de formação educativa. Permitindo-os compreender que as atividades com os diversos suportes literários como tirinhas, histórias em quadrinho, entre outros, oportunizarão ao educador e ao aluno aproveitarem melhor o cotidiano em sala de aula, quando motivados através de atividades direcionadas e não apenas como um passatempo.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, A. **Pedagogia e quadrinhos**. In: MOYA, Álvaro de. Shazam. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. (Coleção Debates)
- CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.
- EGUTI, Claricia Akemi. **A Representatividade da oralidade nas Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. USP, 2001. Dissertação de Mestrado.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.
- MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinho. In: DIONÍSIO; Ângela; MACHADO, Anna Raquel.; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2002, p. 195-207.
- MERCADO, Luís Paulo Leopoldo e KULLOK, Máisa Brandão Gomes (orgs.). **Formação de Professores: política e profissionalização**. Maceió: EDUFAL, 2004.
- NEIVA, Lia. **Histórias de não se crer**. Rio de Janeiro: Impresso no ao livro técnico S/A Indústria e Comércio, 1987
- NUNES, Benedito. Narrativas históricas e narrativas ficcionais. In: RIEDEL, Dirceu Cortes (org.). **Narrativas: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p.9-35.
- RAHDE, Maria Beatriz. **Origens e evolução da história em quadrinhos**. Revista Famecos: publicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Social da PUC-RS, Porto Alegre, n 5, 1996, p.103-106.